

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO PELO USO DAS IMAGENS.

Júlio Cesar Mendes Fontes.

UFSJ.

O cinema inserido no espaço escolar propicia àqueles que usufruem de sua prática possibilidades de aprendizagens e conhecimentos de diversas ordens. Sugestivos, os filmes mergulham no universo dos sujeitos retratando contextos de violência, guerra, pobreza, entre outros. Refletindo a diversidade racial, étnica, religiosa e sexual nos gêneros, tramas e narrativas. Pode – se entender o cinema na escola como parte de um projeto educativo mais amplo, envolvente, produtor de sentidos, gerador de imagens e movimentos, que possibilita pelas experiências fílmicas inquietações, sensações, percepções, interações, contatos, sensibilidades, conhecimentos e aprendizagens. Para tanto, este trabalho tenta demonstrar como as imagens refletidas e (re)produzidas no contexto escolar nas “sessões de cinema” tornou – se um tempo/espaço de constituição de ambientes de práticas educativas pelas quais mobilizaram, envolveram e possibilitaram a meninos e meninas de uma instituição pública de educação a construção de saberes e aprendizagens, demonstrados nos registros e avaliações da proposta de ensino pelo/com o cinema.

O mundo do cinema é privilegiado de produções, e serve de inspiração as práticas educativas, possibilitadas pelos espectadores, pelos filmes, e pelo cinema em si. Neste aspecto, o cinema possibilita interações entre desiguais, em função de valores, interesses e objetivos comuns, e seu papel social forma, transforma e modifica os sujeitos. Neste caso, “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2009, p.16).

De acordo com Oliveira (2006, p.137), o cinema participa da circulação do conhecimento, de difusão de novas experiências e valores culturais. Uma ferramenta que possibilita experimentos, registros e observações. Mesmo sabendo que as cenas são montadas, as pessoas se identificam e se projetam nos personagens e em suas histórias, entendendo que “a magia e o encantamento do fluxo de imagens fazem o espectador reagir como se fosse a própria realidade”. Sendo assim, “é nas tramas dessas narrativas que somos pegos. Fantasias e ficções falam de realidades que não aparecem noutros registros”.

Para Faheina (2011, p. 85), o cinema é campo de experimentação do pensamento que conduz as pessoas a apropriarem de certos saberes. O cinema difunde imagens e problematiza histórias, revela intencionalidades na comunicação de saberes, valores, emoções, informações e conhecimentos. Não seria interessante o sujeito apenas ter o contato com os filmes, mas problematizar as situações - problemas observadas nas telas e extrair – lhes os conceitos das imagens. Perceber que “a imagem cinematográfica não está preocupada em mostrar uma verdade, mas um sentido, uma possibilidade, que implica na “construção de seu caráter universal””, um tipo peculiar, que se identificaria e pertenceria “à ordem da Possibilidade e não da Necessidade. O cinema é universal não no sentido do acontece necessariamente com todo mundo, mas no de poderia acontecer com qualquer um”.

Na perspectiva de Sardelich (2006), a leitura de imagens no contexto das práticas educativas e pedagógicas apresentam proximidades e distâncias. Em suas argumentações, a autora afirma que as imagens, estáticas e em movimento, simplesmente não cumprem a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento através da apreciação, decodificação e interpretação das mesmas, constituídas e vinculadas. Ler e interpretar uma imagem significa analisar tanto a forma como elas foram construídas e constituídas e

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

operam no cotidiano da vida das pessoas, como o conteúdo que comunicam em situações concretas e específicas. O que conjuga com que Wunder (2006, p. 2) aborda, ao problematizar a constituição do olhar como sentido da realidade como algo que aparece na linguagem cotidiana, como: “ponto de vista, perspectiva, sem sombra de dúvida, ter ou não ter a ver, visões de mundo, quando nos diferenciamos entre lúcidos e alucinados, iluminados e sombrios”.

Neste sentido, a cultura visual – a fotografia e o cinema – enquanto estratégia para compreender a vida contemporânea, trata o visual como um lugar desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial. Local onde se criam e se discutem significados, redimensiona os valores e identidades construídos e comunicados via mediação visual, como também à natureza conflituosa desse visual devido aos seus mecanismos de inclusão e exclusão dos processos identitários. As identidades e as experiências das pessoas são construídas, e sobremaneira, determinadas por inúmeras imagens, discursos e códigos. Com isso, as imagens atuam como “novas e velhas formas de poder como também de ensaios de novas formas de sociabilidades” (SARDELICH, 2006, p. 462).

O cinema incluso numa proposta de interações pelas mídias sociais dentro do ambiente escolar possibilitou frutíferos recursos de aprendizagens para as crianças envolvidas. O que era observado? O que era retratado? Quais os filmes eram assistidos? Quem assistia aos filmes? Por que da escolha de determinados filmes? Quais os recursos utilizados nos filmes que deixavam as crianças se relacionarem com as imagens? São indagações surgidas durante o percurso de realização de uma proposta pedagógica, realizado junto com crianças, que foram contempladas com as projeções e exibições de filmes no segundo semestre de 2016 e que se estende até o presente semestre do ano de 2018¹. Nestes espaços, também eram realizados as observações, os registros e as avaliações sobre o desenvolvimento das atividades e dos filmes.

Percebeu – se que a escolha do que ser exibido para as crianças na escola era um detalhe de garimpo e pesquisa. Isto, para que as sessões não se transformassem em reproduções de produtos essencialmente da ordem do mercado norte – americano. Por isso, encontrou – se filmes oriundos de outras partes do mundo com intensa perspectiva de sentidos e significados sociais que podiam ser exibidos e discutidos no espaço escolar e para crianças em suas mais variadas idades. Neste caso, o mais propício e adequado dentro destas práticas, principalmente, quando se trata de crianças entre oito e dez anos de idade, são as projeções de filmes de curta duração. Isto se deve a relação tempo, percepção, concentração, captação, leitura, organização do pensamento, reposta e ação das ideias pelas crianças em suas dimensões sensoriais. O curta – metragem, bem desenvolvido no interior das práticas pedagógicas, sucinta inúmeros registros e debates, deixando marcas que se visualizam nos sujeitos por um período maior que a própria exibição das imagens.

Os curtas – metragens foram encontrados facilmente na internet e passaram por um funil de análise antes de serem exibidos para as crianças². Nas sessões desta proposta foram visualizados os seguintes curtas: Cordas, Chaves – desenhos, Calango, Lua, Vendedor de Fumaça, Burro, Oscar no Deserto, Mônica – jogo de vôlei.

O que se esperar depois das exibições dos filmes? As conversas, as interações entre os colegas do que os personagens executaram pelo movimento de suas falas e corpos mostraram

¹ Dentre as motivações para inserção das práticas fílmicas no contexto escolar, a formação para professores oferecida entre agosto e dezembro de 2016, intitulada Educação e Cinema, coordenada pela professora Inês Teixeira, da Faculdade de Educação/UFG, foi de grande relevância para impulsionar os fazeres e movimentos desta prática social junto a crianças e adolescentes no contexto escolar que atuou.

² Veja em Omelczuk (2015) uma relevante contribuição sobre educação, cinema e infância e apresenta uma relação com cinquenta curtas e suas variações para serem apropriados pelas crianças.

que as artimanhas de uns, as fragilidades de outros, o comprometimento com o próximo e a sensibilidade do olhar do sujeito dentro das telas possibilitou relevantes processos de aprendizagens para as crianças.

O curta – metragem *Cordas*³ é um belíssimo exemplo de como as imagens transcendem as barreiras da virtualidade e conseguem interagir com os sujeitos em suas dimensões sociais. As cenas e os movimentos deste filme de curta duração conversavam com os espectadores sobre questões da nossa existência, tratando de práticas que organizam a estrutura do viver hoje e o agora. São situações de crianças com necessidades especiais, que dentro dos limites que estão impostas, conseguem realizar experiências mútuas que as mesmas crianças em situação normal de acessibilidade conseguem executar nas ações cotidianas, como por exemplo, brincar, jogar bola, pular corda, dançar, estudar, ir a escola, conversar, conviver com o outro.

Outro dado relevante que as práticas dos filmes possibilitou foram os entendimentos pelas crianças das identificações sobre as identidades de gênero, ou seja, o que é ser homem e o que é ser mulher. Os filmes que mais se identificaram com este propósito foram “Vida de Maria” e “Jogo de vôlei”. Tanto em “Vida de Maria” que representa muito bem o ardor de uma menina na construção de sua identidade e sua capacidade de se relacionar com suas práticas femininas de ser mulher quanto no “Jogo de Vôlei” que mostra como as crianças se relacionam através dos agrupamentos sociais e das características que por alguma convenção se direcionam aos sujeitos do gênero masculino (vestimentas azuis e práticas esportivas do futebol) e para as pessoas do gênero feminino (vestimentas rosas e práticas do voleibol), o dinamismo das identidades de gênero se relaciona com o que os meninos e meninas possuem de bagagem cultural.

As imagens mostram as potencialidades que o curta – metragem instaura, refletindo as relevâncias dos processos sociais emergidos por pessoas, mundo, atividades, significados num processo amplo de participação das práticas, ações, situações e dos olhares sociais. Neste sentido, o que se percebeu através dos registros em forma de desenho realizado pelos/pelas estudantes no processo de aprendizagem das experiências pelo e com o cinema, foi que esta dimensão cotidiana e social amplia e divulga atitudes de cidadania, companheirismo, solidariedade, assim como, as identidades e as estratégias de interações entre as pessoas em suas mais diversas maneiras de habitar o mundo social. Situações observadas durante a exibição do curta – metragem “captada” pelos sujeitos reais nas avaliações.

As imagens produzidas no contexto escolar possibilitariam às crianças, em situações formais de ensino, produção de conhecimento. As imagens devem ser “agenciada” no espaço escolar não apenas como suporte metodológico, mas como campo expressivo gerador de conhecimentos que devem ser (re)apropriados pelos sujeitos na construção interativa da subjetividade e entendimento da realidade social, estabelecendo articulações com outros artefatos tecnológicos e culturais (NOBRE e GICO, 2009).

Neste sentido, o cinema no ambiente escolar pode transformar - se num relevante espaço de aprendizagem e participação das pessoas. De acordo com Lave e Wenger (2003), essas interações poderiam ser desenvolvidas através de “comunidades de práticas”, ou seja, implicariam na participação em um sistema de atividades, no qual os indivíduos compartilhariam situações pelo que estariam realizando e o que significaria em suas vidas. Neste sentido, uma “comunidade de prática”, que teria como uma das suas atividades, a prática social do cinema, objetivaria uma série de relações entre as pessoas, a atividade e o mundo através do tempo e em relação com outras comunidades de prática.

³ *Cordas*, ou melhor, *Cuerdas* é um curta – metragem espanhol, que foi escrito e dirigido pelo cineasta Pedro Solis Garcia, em 2013. Premiado em vários festivais, o curta retrata a percepção de uma estudante diante do realizar, executar, auxiliar um menino com paralisia cerebral em suas atividades e experiências cotidianas.

Nas “comunidades de práticas” sociais (LAVE e WENGER, 2003), o cinema, tornaria – se um veículo propulsor de participações e aprendizagens, mobilizando em suas bordas, imagens, cenas e movimentos, a sensibilidade, a percepção, a plasticidade, as ações e os contornos das aventuras da experiência humana, que também encontram nas práticas escolares possibilidades de apropriações de conhecimentos de inúmeras esferas e a transformação destes em relações, vivências e experiências, capacidades e habilidades para o mundo e vida cotidiana.

Referências.

- DUARTE, R. Cinema e Educação. Ed. Autêntica. 3ª edição. Belo Horizonte. 2009. 104p.
- FAHEINA, E. F. A. O cinema como campo de experimentação do pensamento. Revista Espaço Acadêmico. n. 119, ano X, abril/2011.
- LAVE, J; WENGER, E. *Aprendizaje situado*: participación periférica legítima. Universidad Autónoma do México, 2003, 110p.
- NOBRE, I. M.; GICO, V. V. O uso da imagem fotográfica no campo da sociologia da saúde: uma experiência na formação de alunos do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. *Interface*. v.13, p.425-435, 2009.
- OLIVEIRA, B. J. Cinema e imaginário científico. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.13 (suplemento), p.133-150, out/2006.
- OMELCZUK, Fernanda Walter. In: FRESQUEZ, A. Cinema e Educação: a lei 13.006, reflexões, perspectivas e propostas. 1. ed. Universo Produção, 2015.
- SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas. Impreso), v. 128, p. 15-31, 2006.
- WUNDER, Alik. *Fotografias como exercícios de olhar*. In: 29 Reunião Anual da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2006, Caxambu, MG. Anais de Resumos e Trabalhos Completos da 29ª Reunião Anual da ANPED, 2006.